

## **Lugares próprios entre modos de ser distintos?**

### **A inserção das crianças que moraram no Japão**

*Laura Satoe Ueno\**

A experiência migratória se torna parte da história familiar. Quanto às crianças, sabemos que elas assimilam a jornada de maneira distinta dos adultos, tratando-se de uma vivência que marca de modo duradouro seus desenvolvimentos.

No entanto, poucas pesquisas sistemáticas têm se focado nessa parcela da população que migra, especialmente no que toca à saúde emocional. Winnicott (1997), pediatra e psicanalista inglês, apontou, aliás, uma tendência da sociedade a enfatizar excessivamente as necessidades corporais, deixando de lado problemas cruciais do desenvolvimento psicológico infantil.

Neste artigo, buscamos contribuir com essa discussão necessária que diz respeito também, num nível macro, a políticas públicas dos países envolvidos nos deslocamentos.

Partimos do enfoque da Psicologia Intercultural, em que o desenvolvimento humano é compreendido em decorrência da relação dialética entre o sujeito e os contextos culturais, e que possibilita uma visão ampla dos fenômenos psicossociais. Consideramos, conforme Berry (2004), que o contato contínuo entre indivíduos de duas ou mais culturas diferentes por intermédio da migração ocasiona uma ruptura no quadro de referência existencial e uma crise no sentido de pertencimento do sujeito, trazendo um processo de mudança psicológica.

---

\* *Psicóloga e Mestre em Psicologia Social pela USP.*

Crenças, valores, relações e hábitos estão envolvidos nesse processo, fazendo-se necessário uma ressocialização, ou aquilo que podemos chamar de “aprender a jogar um novo jogo”, havendo uma complexa interação de variáveis psicológicas e outras – culturais, sociais e situacionais – que levam as pessoas a variados graus de estresse e adaptação (BERRY, 2004; BERRY et al. 1992).

Desse modo, fatores como idade, mudanças ocorridas no sistema familiar e as possibilidades desse grupo contar ou não com um suporte comunitário serão vistos como relevantes. Nesse contexto, as rupturas ocorridas na rede social e nos laços sociais vitais que precisarão ser reconstruídos aos poucos pelo imigrante no novo ambiente são questões a se considerar, pois é algo que gera sobrecarga e tensões nos membros da família, acompanhadas do luto pelo que foi perdido e o imperativo de se fazer novos investimentos afetivos (SLUZKI, 1997).

Dialogamos também com autores da abordagem psicodinâmica, Donald Winnicott (op. cit.); Erik Erikson (1976); Leon e Rebecca Grinberg (1984) para compreender quais são os desafios impostos em cada fase do desenvolvimento da identidade, nas situações em que a socialização envolve culturas distintas. Lembrando que, no caso da migração Brasil-Japão, esse processo tem se dado não somente entre sistemas simbólicos diferentes, mas concretamente, entre territórios geográficos distintos e distantes, entre os quais as crianças frequentemente transitam.

Em linhas gerais, achamos importante fazer as seguintes perguntas: Como foi a escolha pela mudança e as circunstâncias de saída da família? Qual o nível de coesão do grupo? Qual o seu grau de rigidez e flexibilidade? Contam com suporte e se sentem pertencentes a redes sociais na comunidade? Qual o nível socioeconômico e educacional dos pais? Como é a receptividade ou vivência de discriminação no novo meio? Pensamos nesse contexto baseando-nos em Suárez-Orozco e Suárez-Orozco (2001).

Neste artigo, inicialmente nos detemos na dinâmica das famílias que retornam do Japão para o Brasil. Em seguida, discutimos a biculturalidade no processo de desenvolvimento emocional e algumas implicações no espaço institucional escolar. Por fim, tecemos algumas reflexões gerais.

## **Famílias transitando entre Brasil e Japão**

A família nunca deixa de ser importante e é responsável por muitas de nossas viagens. Nós escapamos, emigramos, trocamos o sul pelo norte e o leste pelo oeste devido à necessidade de nos libertarmos. E depois, viajamos periodicamente de volta para casa para renovar o contato com a família (WINNICOTT, 1997, p. 59).

Com essas palavras, salienta-se o quanto é fundamental a existência de familiares de quem possamos reclamar, a quem possamos amar, mas também

odiar ou temer. Pois, na relação entre pais e seus filhos, há sempre além de amor, uma ampla gama de sentimentos presentes.

A preservação da atmosfera familiar resulta do relacionamento entre os pais no quadro do contexto social imediato em que vivem e do círculo mais amplo que os envolve. No processo de migração, como lembram os psicanalistas Grinberg e Grinberg (1984), justamente a família, que é o entorno imediato de uma criança e que poderia ter a função de grupo continente e protetor em meio aos novos estímulos, também está estressada e abalada pela experiência do deslocamento.

Lembramos que, no mundo contemporâneo, várias formas de organização familiar podem ser observadas, tendo como características a diversidade e a ambiguidade. Lembramos, também, que a realidade da família enquanto instituição social permeada por uma construção histórica foi apresentada por Ariès (1981). Se a família nuclear como conhecemos hoje tem sentido de 'lar', de uma unidade estrutural, emocional e significativa básica dos indivíduos, nem sempre foi assim.

Com os movimentos migratórios contemporâneos, podemos afirmar que esse mundo próprio, espaço para a intimidade, em seu conceito ideal e imaginário, tem sido, além do mais, questionado.

Uma pesquisa realizada por Yamamoto (2008) revelou que no tocante à circulação das famílias brasileiras pelos espaços transnacionais entre Brasil e Japão, estas têm adotado várias estratégias em diferentes fases da vida para lidar com as mudanças sociais. A fim de se manterem, elas se organizam econômica, física e socialmente. O fato dos membros se dispersarem em diferentes países muitas vezes é o que torna possível o suporte aos filhos. Uma situação paradoxal tem sido criada quando, para manter a integridade e fortalecimento da família, são produzidas separações.

São as crianças que, vistas como dependentes e deslocadas de seus ambientes pelas decisões familiares, costumam resistir às decisões de retorno.

Quanto à volta dessas famílias ao Brasil, depois de terem morado no Japão, podemos considerar esse movimento uma nova migração. Costuma envolver tanto esforço e vulnerabilidade psíquica quanto a ida para fora. Conforme DeBiaggi (2004), os estudos indicam que geralmente as pessoas não estão cientes das implicações desse deslocamento que envolve mudanças em si mesmas e na comunidade de origem.

Em pesquisa de Mestrado realizada há alguns anos (UENO, 2008), buscamos compreender a vivência de um grupo de pessoas adultas retornadas no que se referia às representações culturais dos países entre os quais transitaram e à experiência de retorno ao Brasil. De modo geral, retornar era vivido com dificuldade pelos participantes. Entre relatos de inassertividade, desorientação e de insatisfação com a conjuntura do país, alguns se sentiam estrangeiros tanto aqui quanto lá.

Para uma criança, após separações temporárias entre os membros da família por meses ou anos, a reunificação familiar pode ser uma prova dolorosa, longa e desorientadora. Os membros terão que lidar com novas regras, negociar

a autoridade parental e combater sentimentos de desconexão. Haverá ainda conflitos angustiantes dos genitores entre maneiras de educar uma criança numa e noutra cultura, práticas estas sobre as quais falaremos logo a seguir.

## **Constituindo-se entre dois modos de ser e agir**

Família, casamento e as relações sociais entre homens e mulheres, como dissemos, estão inseridos num contexto histórico, político e econômico. Na sociedade japonesa contemporânea, observamos a permanência de um valor específico do casamento, havendo uma peculiaridade da posição social e papel materno da mulher. O casal, ao contrário do que acontece na maioria das sociedades 'ocidentais', não está no centro da família, sendo que o amor livre e romântico não é considerado com ênfase o principal sentimento almejado de realização pessoal. Na ideologia ainda persistente no Japão, uma família bem sucedida é aquela que realiza de modo exemplar a divisão sexual do trabalho, sem confusão e nem conflito de papéis: a mãe deve ser inteiramente responsável pela educação dos filhos, com presença constante e insubstituível, ao passo que o pai deve estar livre para se dedicar ao sistema produtivo, ao mundo do trabalho externo. Estar às margens dessa norma familiar acarreta uma desvantagem perante a sociedade (HIRATA, 2002).

Esta estrutura envolve uma educação de sentimentos. Através das práticas de ensino/aprendizagem, desde o nascimento se transmitem sistemas de valores e normas da cultura, de indivíduo para indivíduo, de geração para geração, garantindo sua manutenção.

No Japão, ensina-se desde muito cedo à criança a conformidade ao papel definido para seu gênero, idade e ordem de nascimento. Em relação aos sexos, o treinamento das meninas é mais estrito quanto à expressão de humildade. Priorizar a harmonia interpessoal e autocontenção, evitando conflitos com os outros, é algo a que se atribui valor altamente positivo.

É oportuno, nesse momento, explicarmos um importante conceito da sociologia, o de socialização. Esta pode ser definida como o processo ontogenético pelo qual se dá a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. Essa interiorização ocorre em circunstâncias carregadas de alto grau de emoção e através de identificações que se realizam num horizonte que implica um mundo social específico (BERGER; LUCKMANN, 1978).

Em um interessante texto sobre estilos de socialização precoce em padrões diversos de cultura, a antropóloga Takie Lebra (1976) observa que, enquanto a mãe japonesa se comunica mais fisicamente que verbalmente com seu bebê durante a amamentação e o banho, a mãe 'ocidental' fala mais com seu bebê durante essas atividades. A primeira tende a carregá-lo para aquietá-lo e apaziguá-lo. A segunda procura estimulá-lo para ser ativo.

Lebra, professora japonesa que foi viver em solo americano, observa que na

sociedade nipônica e, relativamente, também entre descendentes de imigrantes japoneses, o *ittaikan* ou sentimento de unidade nas interações interpessoais íntimas é algo muito apreciado. Nesse contexto se procura desde cedo sensibilizar o sujeito para a interdependência e reciprocidade.

A criança é ensinada precocemente a estar limpa e devolver as coisas no lugar de origem, a fazer as coisas da forma apropriada. A ênfase na ordenação, capricho e meticulosidade expressa uma atitude que nessa cultura é sinal de mente viva, ativa e moral.

A disciplina se intensifica quando a criança atinge a idade escolar. Daí em diante caberá à escola educá-la apropriadamente. Passa a ser encorajada a desenvolver um forte senso de pertencimento total ao grupo, de compromisso e desempenho em relação ao seu papel.

Ora, no caso das crianças nipo-descendentes, filhas de pais/mães trabalhadores brasileiros das linhas de produção japonesas, chamamos a atenção para uma série de desafios que são impostos no processo de desenvolvimento psíquico. A ambiguidade relacionada aos seus fenótipos, suas maneiras de ser e agir, bem como as de suas famílias de origem, ou então a própria situação de separação entre membros familiares, por si só podem, inclusive, ser vistas culturalmente de forma equivocada por médicos, professores, psicólogos e outros como inadequadas ou sintomas de uma situação familiar patológica. É por isso que as expectativas e o contexto imediato no país que as recebe, seja lá ou aqui, são elementos potenciais de transição que têm repercussões importantes nesse processo, como veremos.

## **Travessias e desafios à formação da identidade**

Se, por um lado, uma criança tem mais habilidades para se deixar impregnar por impressões novas, está mais aberta à aprendizagem e é mais capaz de assimilar uma nova língua e costumes, por outro, existem carências especiais, pois não participaram da decisão dos pais de mudar e geralmente não compreendem suas motivações. Além disso, a explicação sobre essa situação à criança nem sempre acontece.

Nesse sentido, como já dissemos antes, o nível de coesão e o tipo de comunicação do sistema familiar serão fatores relevantes.

É natural, contudo, os pais viverem uma forte ambivalência, na medida em que processam suas experiências através de um quadro duplo de referência: 'lá e aqui', 'antes e depois' da mudança de país. Já para os filhos, a referência é dada pela sociedade em que vivem e o seu estilo de vida.

Conforme Suárez-Orozco e Suárez-Orozco (2001) as transições são sempre estressantes e, mesmo nas melhores condições, haverá perdas e ambivalência. A absorção mais rápida, pelas crianças, da nova cultura criará níveis assimétricos de competência cultural no meio, sendo a dos filhos superior à dos pais, gerando reversão de papéis e tensões particulares na família.

Para melhor compreensão em termos psicodinâmicos, trazemos as

contribuições dos psicanalistas Grinberg e Grinberg (1984), para os quais a idade da criança é uma variável importante. Nos primórdios de seu desenvolvimento, o sentimento de confiança básica do bebê na própria existência é possível pela própria confiança dos pais. Esta função parental pode ficar abalada, pelo menos temporariamente, quando a criança se vê fora do âmbito conhecido e seguro dos estilos de sua própria cultura.

Pouco mais tarde, num período em que a criança está tratando de afirmar sua autonomia, a migração, sempre forçada pelos maiores, junto com a ameaça persecutória do novo, poderá acentuar a vergonha e dúvidas precoces, minando uma confiança básica já adquirida, sobretudo quando se está fragilizado por conflitos prévios. Ela é exposta a situações em que se sente diferente e incapaz de competir com outras crianças de sua idade no uso do idioma, não compartilhando a cumplicidade preciosa dos códigos culturais secretos. As dúvidas passam pela definição do que tem valor ou não, de quem são os bons ou maus, pois seus conhecimentos prévios não são compreendidos ou não valem muito no novo meio.

Conquistada a autonomia, mais ou menos ao final do terceiro ano, ocorre uma primeira emancipação em relação à figura da mãe, paralelamente às aquisições na linguagem, locomoção e representação. Ela desenvolve os requisitos prévios para libertação da iniciativa não intimidada pela culpa, etapa dentro de um ciclo vital descrito por Erikson (1976). Pode encontrar pela frente uma série de desafios, pois precisa construir uma identidade segura que a torne apta a prosperar em contextos profundamente diversos: em casa, na escola, no mundo da família extensa e entre os amigos.

Ressaltamos que sua identidade será moldada, em parte, em função de como será vista e recebida. Os estereótipos étnicos enfrentados por indivíduos podem ser aspectos poderosos e corrosivos.

Posteriormente, a adolescência será um momento crucial de busca por um novo sentido de continuidade e uniformidade, quando ressurgem as crises das fases precedentes. As perguntas “Quem eu sou? A que lugar pertencço?” se tornam pungentes (PHINNEY, 1990). Uma dúvida prévia, agravada pela estigmatização sofrida através das instituições, pode culminar numa confusão de identidade, com incapacidade de assumir papéis, abandono escolar ou retraimento em estados inacessíveis.

## **Línguas, culturas e identidades**

Com relação à língua, sabemos da sua importância por ser não só um instrumento de comunicação, mas a representação de uma cultura e, segundo Bourdieu (1994), um instrumento de poder.

Para um adulto, a aprendizagem de uma nova língua requer muito mais flexibilidade. Afinal, conforme explica Revuz, (apud FREITAS, 2008, p. 220-221): “Toda tentativa para aprender outra língua vem perturbar, questionar,

modificar aquilo que já está inscrito em nós com as palavras da primeira língua”. A fluência dos pais e filhos em línguas diferentes cria barreiras na comunicação de pensamentos, de emoções mais profundas e no entendimento das intenções do outro.

O modo como uma criança é recebida numa escola ou comunidade pode ser decisivo no desempenho dela dentro desses novos espaços, onde atitudes de prestígio e desprestígio social relacionadas também ao idioma revelam quais as formas de ser que são vistas de maneira preconceituosa. Mesmo quando em casa a família reconhece como essencial transmitir a riqueza de conhecer uma segunda língua por meio das suas relações, a criança que vive muitas situações preconceituosas prefere deixar de manifestar seu conhecimento na língua da cultura de origem.

De acordo com uma pesquisa realizada por Morales (2010) com jovens professoras nipo-brasileiras, bilíngues e retornadas do Japão, as mesmas expressaram dificuldades para se adaptar ao novo ambiente linguístico, sendo necessárias motivações intrínsecas de superação para se alcançar uma integração social em meio às transições linguísticas e à impotência acarretada pelo domínio imperfeito das línguas. Interessante que, nesse sentido, saber falar japonês e poder ensinar a língua no contexto brasileiro se tornou uma faceta positiva a ser oferecida. E que, no caso das entrevistadas, possibilitou a construção de uma identidade profissional. Concordamos com um ponto sobre o qual a autora chamou a atenção: a importância de se preservar a primeira língua em situações de migração.

## **Escola, microcosmo de uma ordem social mais ampla**

Em artigo anterior neste mesmo periódico (UENO, 2005), apresentamos o processo terapêutico e a história de Carmem, brasileira de origem indígena e paraguaia, atendida em psicoterapia breve aos quarenta e cinco anos de idade. Observamos a relevância das experiências infantis de migração e como uma inserção escolar traumática pode ser produtora de descontinuidades linguísticas, afetivas e sociais. O não reconhecimento e a falta de um espelhamento social positivo desencorajam o modo de ser do outro.

O meio escolar merece nossa atenção por ser aquele no qual as crianças iniciam o contato sistemático com a outra cultura. Não à toa, é predominantemente nesse espaço que os efeitos da migração se fazem notar, podendo representar uma situação de intenso sofrimento.

Em primeiro lugar, quando pensamos numa sala de aula, devemos lembrar que sua configuração, com suas dinâmicas de poder e desigualdade, aparece em cada aspecto com todas as suas particularidades: no processo educacional, no conteúdo das aulas, no ambiente físico, no uso da língua, como mencionamos, e nas relações entre quem ensina e aprende.

Além de ser lugar de prática social e política, ela é também produtora de identidades. De modo que, no processo de aprendizagem, os atos dos alunos

provenientes de outros *backgrounds*, de se submeter ou de contestar e resistir, revelam a recusa em participar de um contexto em que não são aceitos e que põe em jogo suas identidades. A escola é um âmbito em que terão que encontrar ou fabricar um lugar próprio.

Dentro das fases do ciclo vital, a entrada na escola é um período decisivo socialmente, quando a sociedade maior se torna mais significativa. Envolve 'fazer as coisas ao lado de outros e com os outros'. A criança procura se ligar aos professores e pais de outras crianças, querendo observar e imitar pessoas, se propondo a tarefas e papéis preparatórios para a realidade adulta da produção.

Para Erikson (1976), a vida escolar precisa sustentar as aquisições das fases anteriores do desenvolvimento da criança e sua vontade de aprender para se sentir capaz de fazer bem as coisas, ou irá desenvolver um sentimento de inferioridade, com alienação de si mesma e das suas tarefas. O educador deve saber reconhecer e estimular esforços especiais, apoiando um sentimento de competência, que é o exercício livre da destreza e inteligência na execução de tarefas sérias. Algo que será uma base importante para a participação cooperativa na vida adulta.

Como afirmam Suárez-Orozco e Suárez-Orozco (2001), fenômenos como ansiedade, inibição de capacidades, tentativas de controle obsessivo e manifestações psicossomáticas, costumam ser frequentes e não estão ligadas apenas a fatores internos dos indivíduos, que sobrevivem em função de sua personalidade. Relacionam-se com uma sensação de ilegitimidade para participação nos espaços de saber nessa nova cultura, representados pelo professor.

Pesquisas desses mesmos autores apontam as características comuns de uma escola efetiva: liderança positiva; boa autoestima da equipe; expectativas acadêmicas elevadas para todos os alunos, independente da origem; valorização das culturas e das línguas de origem; ambiente social seguro com estrutura ordenada.

O que acontece quando uma identidade definida por uma posição de desajuste/desencaixe com a cultura escolar é assumida? Há o risco de se caminhar para uma progressiva condição de desqualificação social, visto que a escolarização deveria ser também um meio de garantir uma posição social bem sucedida no futuro para filhos de imigrantes numa nova sociedade dentro da economia global.

## **Sistemas educacionais em contextos de diversidade**

*"Meu filho é muito nervoso, balança a cabeça várias vezes. A professora disse que ele é hiperativo e precisa de psicólogo. (...) Acho ele muito inocente. As crianças aqui no Brasil são mais espertas."*

Essa era a queixa de uma mãe atendida pela autora numa situação de entrevista inicial em psicoterapia breve no Serviço de Orientação Intercultural da USP<sup>1</sup>. Ela procurava atendimento para seu filho de nove anos. Nipo-brasileira de segunda geração, trabalhara durante treze anos no Japão e recém retornara

de lá movida pela crise econômica mundial que causara demissões em massa. A criança nasceu lá e passara por mudanças bruscas, da escola japonesa para a creche brasileira. E agora, vindo pela primeira vez ao país de origem dos pais, entrou na escola pública brasileira. De acordo com o relato apresentado, quando foi dito ao filho que iriam sair do país em que moravam, teria balançado a cabeça e protestado *“Não quero!”*, daí então passando a manifestar tiques nervosos frequentes.

Nas relações da mãe atendida com japoneses, percebemos sentimentos conflitantes e situações de discriminação vividas pelo fato de ser brasileira. Tinha que acalmar o filho porque ele era irrequieto e fazia barulho no prédio em que habitavam, onde não havia outras famílias estrangeiras: *“Lá tem que se conter, ter disciplina, criança fica horas numa fila sem reclamar.”*

De volta ao Brasil, ela sentia pouco apoio do ambiente social e passava pelos estranhamentos culturais. Sente que as coisas aqui no país, incluindo o sistema de educação, não funcionam como deveriam. Seu filho não teria a mesma malícia e não protestava quando a priminha tentava tirar vantagem nas competições: *“Aqui não é bom ser assim...”*

Ela e o marido estavam em processo de separação conjugal. O pai de seu filho, conforme relato materno, também nipo-brasileiro, teria se recusado a comparecer ao atendimento psicológico e não acreditava na relevância das questões emocionais. É descrito como um homem imaturo e irresponsável, que gastava grandes somas de dinheiro com jogos, nunca tendo se preocupado genuinamente com o filho.

Apesar de oferecermos alternativas flexíveis de atendimento, reforçando a importância de termos uma compreensão do que se passava com a criança e com eles, naquele momento a mãe mostrou dúvida e ambiguidade quanto à própria abertura para os aspectos internos implícitos nas vivências da família entre contextos diferentes, colocando vários empecilhos para a continuidade do processo terapêutico.

Entre imposições, irritações, repressões e tentativas de contenção e controle de impulsos, permeadas por sistemas culturais, a criança se tornara porta-voz de um conflito que parecia envolver a família como todo. Suas histórias pessoais de pertencimento e seus desejos foram atravessados por conjunturas sociopolíticas mais amplas que, como é sabido, vêm deslocando em massa os seres humanos enquanto recursos em circulação no sistema econômico capitalista global.

Cabe mencionar que, no trabalho empreendido por Nakagawa (2010) em São Paulo, com alunos da rede pública de ensino que moraram no Japão, a negação das dificuldades pelas famílias foi também relatada. Descreve-se a ocorrência, entre as crianças cujo desenvolvimento fora caracterizado por convivência e interações intersubjetivas limitadas, de um esquecimento da experiência vivida com o idioma japonês naquele país, além de sentimentos de insegurança e inadequação.

Nesse sentido, as atividades de mediação lúdica sob a ética do cuidado – e não da correção – parecem ter sido essenciais para a saída da condição

de invisibilidade e não-pertencimento, possibilitando a emergência da espontaneidade nas relações.

Desse modo, alertamos para o perigo de visões educacionais pautadas pelo ajustamento às aulas, e que procuram identificar e medicar 'transtornos' entre os alunos, patologizando e individualizando fenômenos que dizem respeito à própria dinâmica da instituição.

A visão taxativa do que se passa com essas crianças, tanto lá quanto aqui em nosso país, revela no fundo uma orientação educacional excludente e pouco preparada para o contexto da diversidade. Afinal, a inserção de um sujeito bilíngue ou bicultural não deveria passar pela exclusão do outro idioma ou assimilação da cultura 'estranha', como crê o senso comum. Num âmbito político, sobretudo, se faz premente a percepção da diversidade nestes novos imigrantes estrangeiros em solo brasileiro. Porém, enquanto riqueza, não como déficit.

## **Considerações finais**

Com essas reflexões, esperamos ter contribuído para ampliar as discussões voltadas meramente para questões econômicas e diplomáticas que envolvem a migração de populações adultas, lembrando que as crianças representam uma parcela crescente de indivíduos que atravessam fronteiras.

As decisões racionais de mudança, apesar de programadas como temporárias, implicam numa perspectiva em longo prazo, com criação de vínculos subjetivos envolvendo lugares diferentes. Colocam em jogo as habilidades do grupo familiar em lidar com os dramas referentes ao processo, entre os quais, os conflitos entre desejos grupais e individuais.

Se, no século passado, a escolarização representou um valor e objetivo de alto interesse para as famílias japonesas imigrantes e seus descendentes no Brasil, em contraste, na atualidade, a educação não tem sido considerada importante enquanto estratégia de ascensão econômica e social entre os chamados *decasségus*.

Observamos que a realidade dos trabalhadores brasileiros no Japão, caracterizada pelo relativo acesso aos bens e serviços, é, ao mesmo tempo, assolada pela relatividade de suas cidadanias e pela vulnerabilidade em relação à vida cultural. Reflete uma realidade global marcada pelo consumismo, acessível por meio de vínculos desenraizados com o mundo do trabalho. Panorama este que tem deslocado gerações e atravessado profundamente seus percursos de vida.

## **Nota**

1 - Atendimento do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do IP-USP voltado para imigrantes, descendentes, brasileiros que vão para o exterior, e brasileiros retornados após morarem fora do país, coordenado pela Profa. Dra. Sylvia Dantas.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BERRY, J. et al. *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BERRY, J. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (orgs.) *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- DEBIAGGI, S. D. Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (orgs.) *Psicologia, E-Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.135-164.
- ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FREITAS, Lucia G. Identidade e aquisição de segunda língua. In: REES, D. K. et al. (orgs.) *Múltiplas vozes: estudos interculturais, estudos de bilingüismo e estudos da sala de aula de língua estrangeira*. Goiás: UFG, 2008, p. 220-221.
- GRINBERG, Leon; GRINBERG, Rebecca. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza editorial S. A., 1984.
- HIRATA, H. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- LEBRA, Takie S. *Japanese Patterns of behavior*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1976.
- MORALES, L. M. Professores bilíngües regressos do Japão: caso de bilíngües consecutivos de aquisição de japonês como L2 no contexto japonês. Trabalho apresentado na mesa-redonda: Educação e Migração: práticas educacionais. *X Congresso da BRASA*, Brasília, 22 de julho de 2010.
- NAKAGAWA, K. A inserção escolar e social das crianças que retornam do Japão. Trabalho apresentado na mesa-redonda: Educação e Migração: práticas educacionais, *X Congresso da BRASA*, Brasília, 22 de julho de 2010.
- PHINNEY, Jean. Ethnic identity in adolescents and adults: review of research. *Psychological Bulletin*, 108(3), 1990, p. 499-514.
- SLUZKI, Carlos E. *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- SUÁREZ-OROZCO, Carola; SUÁREZ-OROZCO, Marcelo. *Children of Immigration*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 2001.
- UENO, Laura S. "... Estou agora no mundo dos vivos": elaborando a experiência de migrar. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, Ano XVIII, nº 53, p. 29-34, set./dez. 2005.
- UENO, Laura S. *Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão: uma intervenção psicossocial no retorno*. Dissertação (Mestrado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- WINNICOTT, Donald W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- YAMAMOTO, Lúcia E. Brazilian families in a transnational context: Brazil, USA, Japan. *REMHU*, Brasília, nº 30, p. 147-163, 2008.

## RESUMO

No presente texto, discutimos como as crianças costumam viver as mudanças entre culturas, em especial aquelas que retornaram do Japão. Apresentamos aspectos do processo de socialização envolvendo contextos culturais diferentes, bem como as implicações da migração na dinâmica das famílias e no desenvolvimento psicológico dos sujeitos, partindo de interlocuções teóricas entre as abordagens intercultural e psicodinâmica. Consideramos que

os fatores sociopolíticos são fundamentais na compreensão das perdas, conflitos e desafios envolvidos nos deslocamentos. No âmbito da educação, temos observado que a escola costuma reproduzir descontinuidades em vez de assegurar a 'possibilidade de ser' da criança na transição entre culturas diferentes.

**Palavras-chave:** crianças; migração de retorno; Japão.

#### **ABSTRACT**

In this paper, we discuss how children, especially those who come back from Japan, usually experience the differences in cultures. We address aspects of the socialization process in different cultural contexts, the implications of migration both in an individual's psychological development and in family dynamics based on theoretical dialogues between the cross-cultural and psychodynamics approaches. We consider that the sociopolitical factors are essential to understand the losses, conflicts and challenges involved in moving. Within the realm of education, we have observed that the school usually reproduces discontinuity instead of ensuring children's "possibility of being" between different cultures.

**Keywords:** children; return migration; Japan.